

# MAS, “SE EU SOUBESSE....EU NEM....”<sup>1</sup>

RUY DE CARVALHO

- Sobre o que é o livro?
- Ora, porra, se eu soubesse sobre o que era eu nem tinha escrito

**E**xatamente: “se eu soubesse....eu nem”! Assim se expressa Mauro Parente acerca de seu livro. Não se trata de um *saber*, menos ainda de um *interpretar*. Menos *teoria* e *hermenêutica* que *ascese* e *experiência*; mais próximo de uma *atividade* e de uma *vivência* que de uma *doutrina* ou da apreensão de um *sentido*. Diria antes tratar-se de uma *frequentação*, de uma certa *disposição* ou de uma *vagabundagem*, de um *vagabundear*.

Como fazer a crônica das relações de pessoas que habitam uma zona de indiscernibilidade com os animais, as coisas e com os vegetais? Fortaleza, claro!

---

<sup>1</sup> Este texto é, talvez, um esboço do que seria um quadro impressionista em torno do livro *Crônica de uma província em chamas*, de Airton Uchoa.

Mas...."já percebeu como é estranho se dizer, a sério, que se está em Fortaleza?" O que haveria de estranho nisso? Nada, se Fortaleza fosse apenas uma cidade, capital do Estado do Ceará, localizada no Nordeste do Brasil. Mas ela é também uma espécie de bruma de indistinção, em que seres quase-não-humanos têm gravidez de 37 anos, viajam loucamente no espaço-tempo, em que casamentos acontecem por sorteio e "à revelia", junto à Loteria da Caixa, permanecendo anos no anonimato, etc. Estranho mesmo é Fortaleza emergir como um labirinto em linha reta. Como uma reta pode tornar-se labirinto? Quando pessoas devêm salamandra e cobra, por exemplo. Elas não se tornam salamandra e/ou cobra, elas apenas fazem da "ruína....um trabalho constante", pois tornar-se absurdo tem suas vantagens e, às vezes, a única coisa racional a se pensar diante das coisas da vida é: "Putá que o pariu". Das inúmeras portas que o *Crônica* abre, gostaria apenas de entrar por uma: o humor!

Airton Uchoa, com o *Crônica*, não quer dizer nada, não vela nem dobra coisa alguma. Nenhum sentido oculto, a ser desvelado ou revelado por críticos literários de plantão e de boa vontade, com ou sem Deus no coração. Nenhum trabalho de interpretação a ser construído. E, no entanto, ela, Fortaleza, gira, como dissera Galilieu, plagiando Airton. O *Crônica* é um livro de acupuntura, cheio de agulhas, eletricidade, bisturis loucas, solitárias incomensuráveis. Acupuntura porque ele desbloqueia, faz emergir passagens, drena energias, torna potentes mercenários, biscateiros e vagabundos, alquimistas de todos os naipes que nos apresentam uma Fortaleza que dá as costas e que diz é morra para os ressentidos e complexados, regionalistas, patrocinadores da miséria e cultuadores da auto-piedade. Uma Fortaleza em que o humor não é segundo, derivado, negativo ou uma espécie de adolescência necessária do espírito. Aqui, o humor é o texto mesmo, que já não quer dizer nada além ou aquém do que diz. Não se conta piada, nada de chiste, ironia ou sarcasmo no *Crônica*. Este, seria um livro sem Lei? Fortaleza deviria uma *Província em chamás*, se o seu humor se revoltasse contra a Lei? Humor contra a Lei?

*Crônica*: um livro político? Será? Seria mesmo possível que Mademoiselle Bistouri seja o Leviatã alencarino? "Se eu soubesse....eu nem...."

Pistas, motes e ocasiões para se permanecer na conversa, que se fia, mas que nunca chega, mesmo, a ser fiada. Humor, aqui: nem segundo, nem refém do sentido, nem bajulador disfarçado da Lei. Não é segundo porque não existe em função de uma seriedade primeira, que seria aquela da caatinga, com seu cortejo famélico em direção à capital; não é refém do sentido porque convida a uma estranha experimentação, a uma frequentação, mais que a uma interpretação ou a uma, por assim dizer, leitura; não bajula a Lei porque não quer *fundar* nada e, no limite, faz dos verbos experimentar, desejar e frequentar verbos intransitivos, como chover....como rir! Este Humor é algo, como talvez dissesse Deleuze, menor, que faria do *Crônica* uma literatura menor e, do Airton, um gago. Nenhum gago no *Crônica*, a não ser o Airton, gago da língua, que faz o português gaguejar, quando potencializa a fala de seus biscateiros do Centro. Mas, ""Se eu soubesse....eu nem...."

Os títulos dos....capítulos(?)....bem, o *Crônica* tem uma transa randômica, browneana com o tempo, com o conteúdo que se desenrolaria no tempo. Nele, nem há cronologia, nem hierarquia, nem salvacionismo, mas um rodopio meio louco e, de maneira singular, ordenado, que perpassa as estações ou pontos de condensação, como um samba de breque literário, ou um naturalismo em que não se buscasse realizar um inquérito ontológico ou fazer um boletim de ocorrência do real; naturalismo sem natureza porque as naturezas nele pivotam, enlouquecidas, criando mundos que se interpenetram e, extremamente voláteis e instáveis, dançam uma estranhamente conhecida dança. Tá bom, minha teoria: o *Crônica* não existe! Estou convicto de que quando o fechamos as palavras fervem, batem umas nas outras criando mundos, evaporam como a água, por isso ele tá sempre quente. Mas quando o abrimos ele adquire uma forma, por assim dizer, estável, quase-legível e, assim, a gente: ri. Mas, ""Se eu soubesse....eu nem...."

Mas eu falava dos títulos dos quase-não-capítulos! Mermão, que porra de títulos são aqueles, Cumpade? Tem até em alemão, tu acha! Diabo é isso, Mah! E há, no negócio intitulado de “Índice e atribuições textuais”, subtítulos que parecem até que deveríamos levá-los a sério. Mais uma vez, o Humor! Os títulos não omitem nem mostram, não velam nem exibem, são como textos numa lápide ou em um telegrama: um exercício de concisão que se julgou, por algum motivo obscuro, necessário. Humor, aqui, tem algo de marcial, uma espécie de ascese, um tipo de exercício que visa, no fundo, estilizar o desperdício da vida, da vida que transborda, claro, não da que falta, ou da que se vive na falta. Essa é a minha posição: o *Crônica*, como um grande livro, faz do desperdício uma arte, da vagabundagem um ofício, da literatura um destino e, assim, provoca-nos e desafia-nos a nos colocarmos à altura das exigências do desperdício vital e da vagabundagem estilizada. Mas, ““Se eu soubesse....eu nem....”